

ASPECTOS GERAIS SOBRE A CULTURA DO CAFÉ NO ACRE



EMBRAPA

UNIDADE DE EXECUÇÃO DE PESQUISA DE ÂMBITO ESTADUAL DE RIO BRANCO
UEPAE - RIO BRANCO

CIRCULAR TÉCNICA Nº 2

JULHO, 1980

**ASPECTOS GERAIS SOBRE A
CULTURA DO CAFÉ NO ACRE**

*Vitor Hugo de Oliveira
Engº Agrº*



**EMBRAPA
UEPAE DE RIO BRANCO
RIO BRANCO - AC**

Exemplares deste documento devem ser solicitados à:

UEPAE de RIO BRANCO
Rua Sergipe, 216
Centro
Caixa Postal 392
69.900 — Rio Branco - AC

Oliveira, Vitor Hugo

Aspectos gerais sobre a cultura do café no Acre. Brasília,
EMBRAPA-DID, 1981.

20 p. (EMBRAPA-UEPAE Rio Branco. Circular Técnica,
2).

1. Café — Cultivo — Brasil — Acre. I. Empresa Brasileira de
Pesquisa Agropecuária. Departamento de Informação e Do-
cumentação, Brasília, DF. II. Título. III. Série.

CDD 633.73098112

© EMBRAPA, 1980

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 ASPECTOS AGRONÔMICOS	6
2.1 Clima	6
2.2 Sistemas de plantio	11
2.3 Solos e adubação	11
2.4 Variedades cultivadas	11
2.5 Cultivos intercalares	12
2.6 Pragas e doenças	12
2.7 Distúrbios fisiológicos	12
2.8 Colheita e beneficiamento	12
3 ASPECTOS ECONÔMICOS	13
3.1 Importância	13
3.2 Localização	15
3.3 Importação	16
3.4 Consumo	17
4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	18
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

I INTRODUÇÃO

Considerado como um dos principais personagens da história econômica do Brasil, responsável pela criação de cidades e formação de fazendas e grande gerador de riquezas, o café continua sendo, para o País, um grande carreador de divisas.

No decorrer dos anos, a cultura cafeeira deslocou-se por diferentes regiões do País, migrando sempre para novas terras e assumindo papel importante na colonização de vasta parte do território brasileiro, constituindo-se na cultura tropical permanente que maior contribuição deu às populações rurais.

Há quem afirme que dificilmente se encontrará no mundo um país que disponha de tantas áreas climaticamente aptas ao cultivo do cafeeiro, das espécies *Coffea arabica* e *Coffea canephora*, como o Brasil. Com efeito, na carta preliminar de zoneamento da cafeicultura (IBC/GERCA, 1974), podem-se observar áreas favoráveis ao cultivo do *C. arabica* desde o Território de Roraima até o litoral de Santa Catarina. Grande parte da América Ocidental, segundo a mesma fonte, apresenta-se favorável ao cultivo de *C. canephora*. (Robusta.)

No Acre, a procura de explorações que absorvessem a mão-de-obra liberada dos seringais nativos, proporcionando boa rentabilidade econômica num prazo relativamente curto, e a pressão exercida por cafeicultores oriundos de outras regiões do País, que viam no Estado condições de se explorar o café, levaram o Governo a iniciar, em 1975, um programa destinado a apoiar a implantação da cultura no Estado. (Hamada *et al.* 1978.)

A existência de áreas potenciais, ecologicamente favoráveis à cultura, levaram o Governo do Estado a incluí-la, ao lado da seringueira, como prioridade de cultivo nos projetos de colonização, em vários Municípios acreanos. (Oliveira 1979.)

No momento, a pesquisa agropecuária, através da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual da EMBRAPA, procura identificar as melhores espécies e cultivares, no sentido da escolha das mais apropriadas para o cultivo nas condições ecológicas do Acre.

Atualmente, o café é produzido, na grande maioria, por pequenos produtores e, com base nas plantações existentes, considera-se o Estado do Acre com potencial acentuado para desenvolver, com amplas possibilidades de êxito, o cultivo do café, com perspectivas otimistas de, em 1983, acontecer um arrefecimento nas importações do produto. (Oliveira, dados não-publicados.)

Este trabalho, fruto de levantamento de campo, observações pessoais do autor e da experiência com a cultura, propõe-se a servir como documento de referência aos interessados no desenvolvimento da cafeicultura acreana e como subsídio para estudos mais detalhados acerca dessa rubiácea no Estado.

2 ASPECTOS AGRONÓMICOS

2.1 Clima

Os fatores climáticos que apresentam maior importância para o cafeiro são os seguintes: temperatura, precipitação, umidade, luminosidade e fotoperiodismo. (Moraes 1965.)

Para o café *arabica*, as temperaturas médias anuais consideradas mais favoráveis à sua exploração comercial estão compreendidas entre 18 e 22°C. (IBC/GERCA, 1974.)

Quanto ao balanço hídrico, considera-se que a cafeicultura pode suportar bem um período com deficiências hídricas de até 150 mm anuais, quando este não se prolongar, normalmente, por mais de 4 meses. (Moraes 1965.)

Segundo dados comparativos do balanço hídrico-climático para várias regiões cafeitoras do Brasil, deficiências hídricas anuais maiores que 150 mm afetam bastante a longevidade econômica do *C. arabica*. (Ortoli *et al.* 1970.)

O cafeiro é cultivado no Acre em altitudes que variam de 100 a 600 metros. (Tabela 1.) A temperatura média anual situa-se em torno de 24,5°C, com as médias mensais variando de 23°C até 25°C.

TABELA 1 – Distribuição da área total, segundo as altitudes, no Estado do Acre.

Altitudes	Área	
	km ²	%
De 100 a 200 metros	36.297	23,79
De 201 a 300 metros	92.233	61,60
De 301 a 600 metros	23.059	15,11
Total	152.589	100,00

Fonte: IBGE

As duas microrregiões homogêneas do Estado possuem, segundo a classificação de Koppen, climas diversos: o Alto Juruá é do tipo Amj, quente e úmido, com

pluviosidade média anual acima de 2.000 mm; a do Alto Purus é do tipo Aw_i, com uma precipitação média de 180 mm anuais e um período seco nítido, geralmente de junho a setembro. (Tabela 2.)

TABELA 2 – Precipitação pluviométrica (mm) dos Municípios de Rio Branco, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, 1970-1979.

Anos	Municípios		
	Rio Branco	Tarauacá	Cruzeiro do Sul
1970	1.533.3	—	—
1971	1.873.5	2.022.9	2.243.8
1972	1.607.5	2.097.6	2.497.8
1973	1.849.2	—	3.305.1
1974	1.634.2	2.223.5	2.161.7
1975	1.813.6	2.229.7	1.901.9
1976	1.798.8	2.154.4	1.989.1
1977	2.074.6	2.068.0	2.549.5
1978	2.004.9	2.082.5	2.210.5
1979	1.718.6	—	1.636.5
Médias	1.790.8	2.131.8	2.297.8

Fonte: Boletim Agrometeorológico da UEPAE/Rio Branco, 1980.

Segundo Camargo (1971), esse regime pluvial é muito semelhante ao encontrado nas zonas cafeeiras do Centro-Sul, em São Paulo e no Paraná, sendo o regime hídrico praticamente o mesmo encontrado no Planalto paulista, onde as deficiências de água no solo vão desde zero milímetros, no Sul, até cerca de 140 mm, na faixa Norte, próximo ao Triângulo Mineiro. (Figs. 1, 2 e 3.)

A umidade relativa do ar apresenta-se em elevados níveis durante o ano todo, com médias mensais de 80–95% sem significativas oscilações no decorrer do ano. (Tabela 3.)

TABELA 3 – Umidade relativa do ar (%) – Média normal registrada no período 1970-1979.

Municípios	UR (%)
Rio Branco	84
Tarauacá	85
Cruzeiro do Sul	95

Fonte: Boletim Agrometeorológico da UEPAE/Rio Branco, 1980.

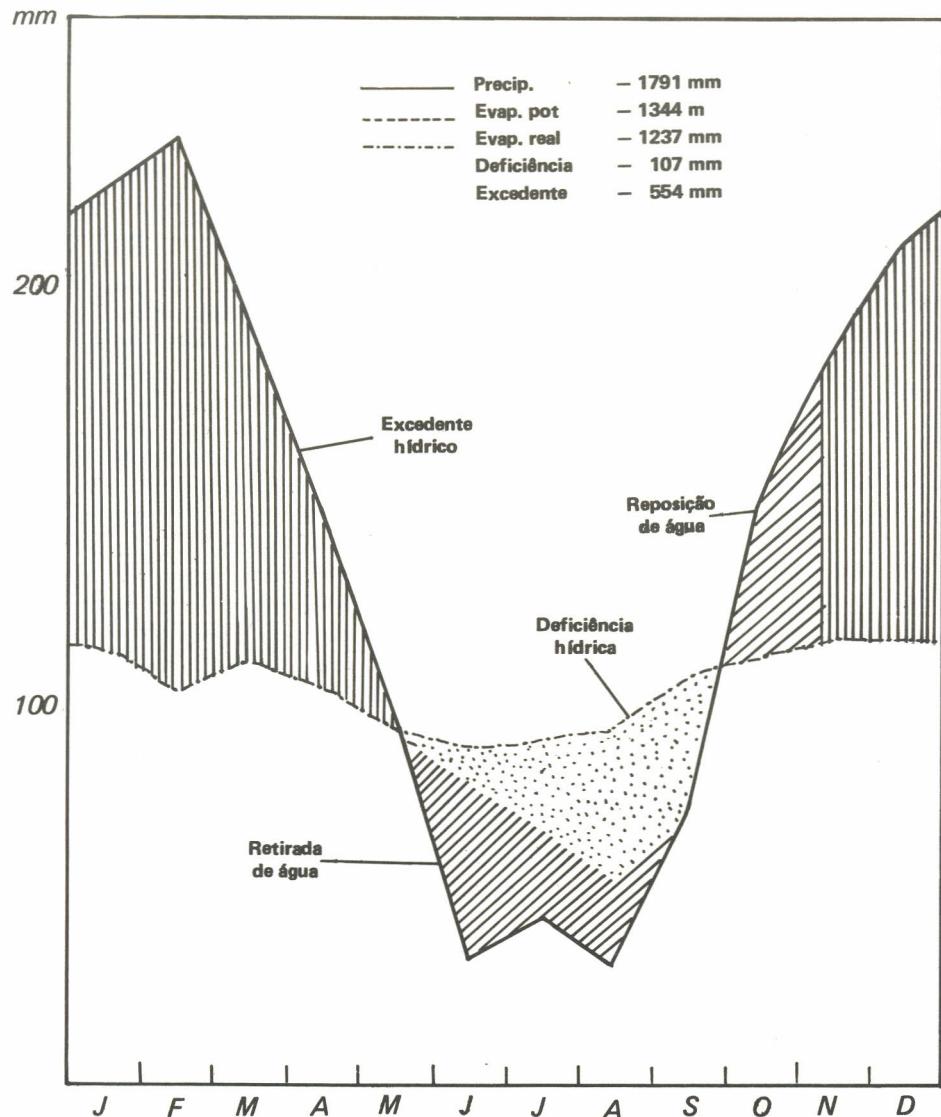


FIG. 1 – Balanço hídrico pelo método “Thornthwaite e Mather – 1955”, para o Município de Rio Branco-AC.
Armazenamento de 125 mm de água no solo.

FONTE: Boletim Agrometeorológico da UEPAE – Rio Branco-AC.
1980.

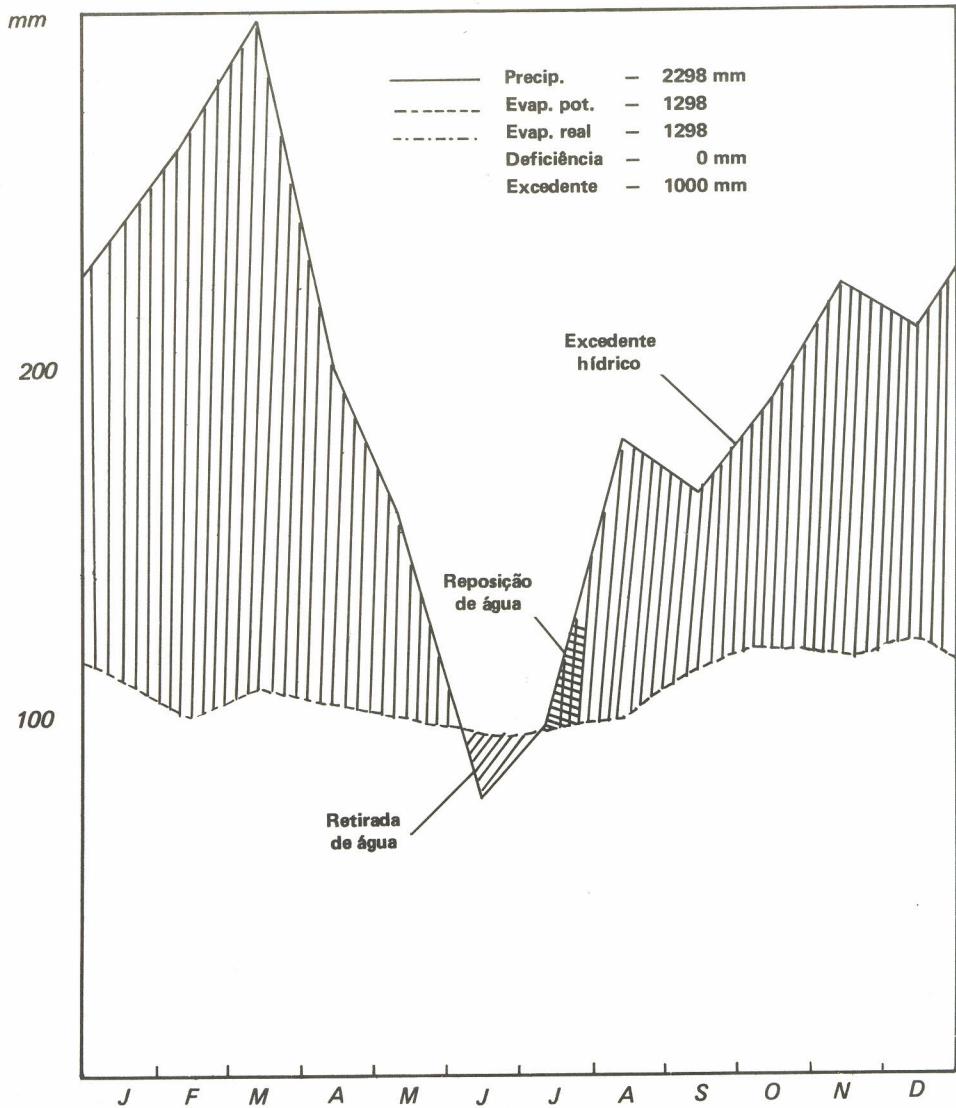


FIG. 2 — Balanço hídrico pelo método “Thornthwaite e Mather – 1955”, para o Município de Cruzeiro do Sul-AC.
Armazenamento de 125 mm de água no solo

FONTE: Boletim Agrometeorológico da UEPAE – Rio Branco-AC.
1980.

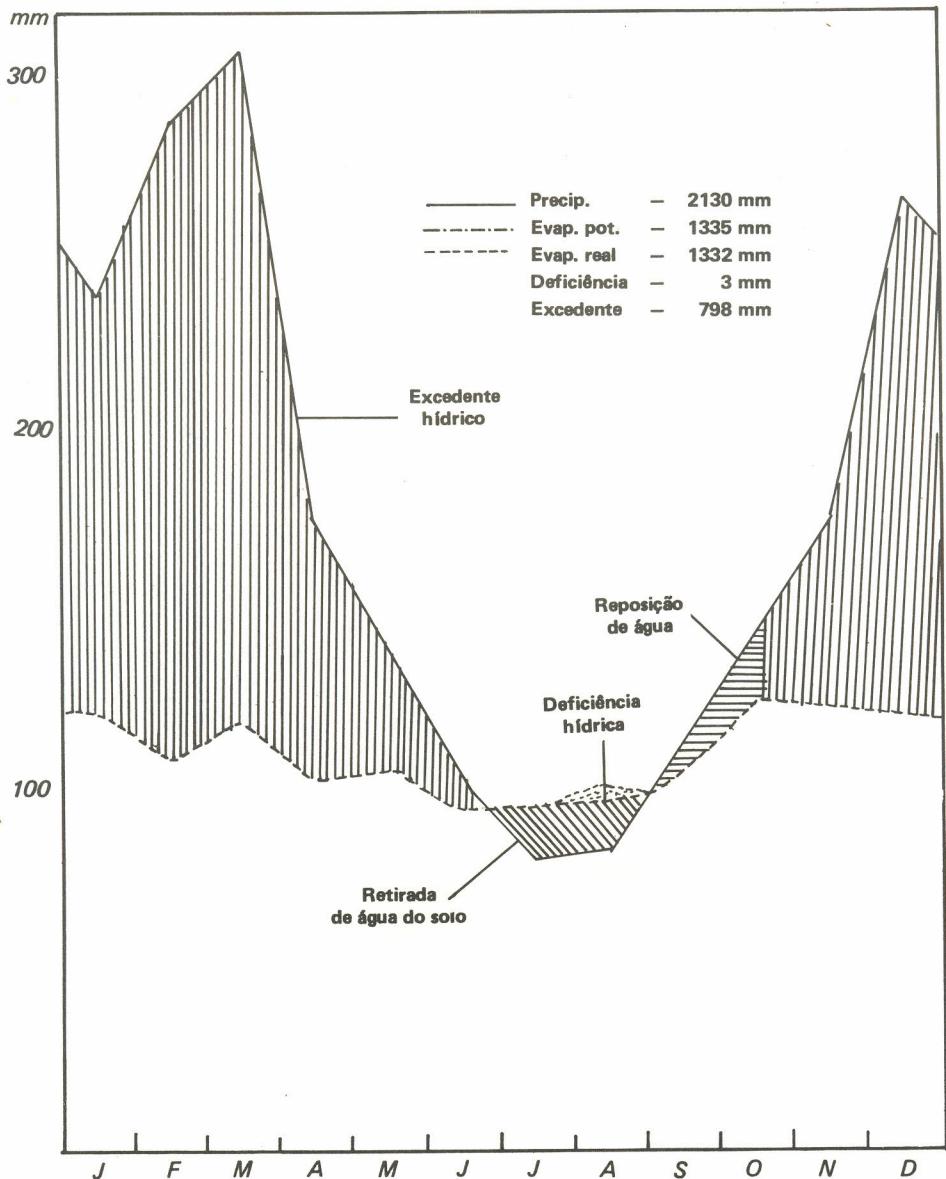


FIG. 3 – Balanço hídrico pelo método “Thornthwaite e Mather – 1955”, para o Município de Tarauacá-AC
Armazenamento de 125 mm de água no solo.

FONTE: Boletim Agrometeorológico da UEPAE – Rio Branco-AC.
1980.

É freqüente, no período de maio a julho, a ocorrência do fenômeno denominado na região de "friagem", resultante do avanço da frente polar que, impulsionada pela massa de ar polar, provoca brusca queda da temperatura, permanecendo alguns dias a média de 10°C. (Brasil. Departamento Nacional de Produção Mineral, 1976.)

2.2 Sistemas de plantio

São observadas as mais diversas formas de cultivo, com variados resultados em produção. No entanto, predomina o sistema de livre crescimento, caracterizado por duas plantas por cova e espaçamento entre linhas variando de 3 a 4 metros.

De modo geral, o plantio realiza-se entre os meses de novembro a janeiro, em áreas recém-desmatadas, queimadas e com remanescentes das raízes e tocos não totalmente incinerados, o que contribui, nos primeiros anos, para uma menor eficiência nos tratos culturais.

As mudas para o plantio, na sua maior parte, são oriundas dos viveiros da Secretaria de Desenvolvimento Agrário, localizados em Senador Guiomard e Cruzeiro do Sul e vendidas a preços simbólicos aos cafeicultores.

2.3 Solos e adubação

Ainda não se dispõe de dados suficientes que forneçam uma visão geral acerca das potencialidades dos solos acreanos, sua distribuição e propriedades, favoráveis ou desfavoráveis ao uso agrícola.

O emprego de insumos modernos é relativamente baixo e a prática da adubação (de formação e produção) não constitui hábito comum entre os cafeicultores locais, o que pode ser atribuído à indisponibilidade de fertilizantes no mercado local e aos elevados preços para adquiri-los.

Assim, têm-se verificado sérios problemas nutricionais nas lavouras locais, com acentuada carência de macro e micronutrientes e baixos índices de produtividade, frutos do desgaste da fertilidade das terras.

Os elementos cujas deficiências têm-se mostrado mais freqüentes são: nitrogênio, cálcio, magnésio, zinco e boro. (Oliveira, não-publicado.)

2.4 Variedades cultivadas

As mais cultivadas são: 'Catuai' e 'Mundo Novo' (*C. arabica*). Em menor escala e, principalmente, no Município de Cruzeiro do Sul, observam-se lavouras formadas pelas variedades 'Nacional' ou 'Typica' e 'Bourbon'.

Nos últimos anos, segundo observações dos agentes da extensão rural, tem havido uma acentuada preferência dos cafeicultores locais pela cultivar 'Catuai', em

virtude de a mesma vir apresentando um desempenho superior ao café ‘Mundo Novo’.

Hamada *et al.* (1978), ao observarem o comportamento das diferentes variedades e cultivares da espécie *C. arabica* nas condições do Acre, verificaram um desempenho superior do café ‘Catuai’, quando comparado com o ‘Mundo Novo’, que evidenciou um desenvolvimento deficiente na parte da “saia”, o que não se verificou com muita freqüência no período.

2.5 Cultivos intercalares

É uma prática comumente empregada pelos agricultores locais, objetivando a obtenção de uma renda imediata para o custeio do café ou a própria subsistência.

As principais culturas empregadas são: arroz, milho, feijão e mandioca.

2.6 Pragas e doenças

As pragas que ocorrem com mais freqüência nos cafezais acreanos são: bicho mineiro (*Perileucoptera coffeella* Guerr. Menev., 1842) e cochonilhas (*Coccus viridis* Green, 1889 e *Saissetia coffeae* Walker, 1852).

As principais doenças são: cercosporiose (*Cercospora coffeicola* Berk et Cooke), rizoctoniose (*Rhizoctonia solani* Kühn), mal-de-quatro-anos (*Rosellinia* spp.) e fumagina (*Caprodiuum brasiliensis* Putt).

2.7 Distúrbios fisiológicos

O “afogamento” ou “asfixia do colo” tem sido um problema observado com certa freqüência nas lavouras acreanas, consequência de plantio profundo ou afundamento da cova, motivado por enxurradas, com o colo da planta apresentando-se entumescido e abaixo da linha do solo. Desse modo, a planta emite um fraco sistema radicular que impede a maior absorção de água e nutrientes, com reflexos na parte aérea, que é totalmente destruída.

2.8 Colheita e beneficiamento

Geralmente, o café inicia sua produção entre um ano e meio a dois anos de campo.

A colheita é realizada entre os meses de abril a junho, sendo mais utilizado o processo de derriça no chão, cujo produto (café-da-roça) é composto de frutos verdes, cerejas (maduros), passas (mais que maduros), boias (quase secos), coquinhos e casquinhas (despolpados no chão). No Município de Senador Guiomard, há predo-

minância do processo por derriça no pano, com um produto final de melhor qualidade.

O café colhido é posto a secar ao sol, em terreiros de chão batido, tijolos, cimento ou encerados, havendo produtores que dispõem de secadores mecânicos.

3 ASPECTOS ECONÔMICOS

3.1 Importância

Os dois maiores Municípios acreanos, Rio Branco e Cruzeiro do Sul, já ostentaram, em épocas anteriores, uma cafeicultura incipiente e apenas sofrivelmente próspera, pois atendia parcialmente à demanda local. Essa cafeicultura incipiente desapareceu por não poder suportar — como atividade econômica — a concorrência dos cafés que o IBC fornecia por preços simbólicos ao mercado interno. (Chebabi 1971.)

A análise da participação percentual da microrregião homogênea Alto Juruá no valor bruto da produção agrícola do Estado — realizada em 1974, pela Assessoria de Planejamento e Coordenação do Governo do Estado — mostrou que, naquele ano, tão-somente três produtos ali plantados detinham os percentuais mais elevados do Estado: cana-de-açúcar, café e coco-da-bahia; apresentando-se o café como terceiro produto cultivado naquela microrregião, com uma participação de 57,4% no valor da produção total do Estado e 56,5% na quantidade produzida. Na microrregião Alto Purus, destacavam-se, ainda no ano mencionado, o Município de Xapuri, com 25,9% de participação no valor de produção e 26,1% no volume de produção, e Rio Branco, com 13,0% no valor e volume de produção. Assim, os Municípios de Cruzeiro do Sul, Xapuri e Rio Branco respondiam por 96,3% do valor total do Estado e 95,6% da quantidade produzida. (Fig. 4.)

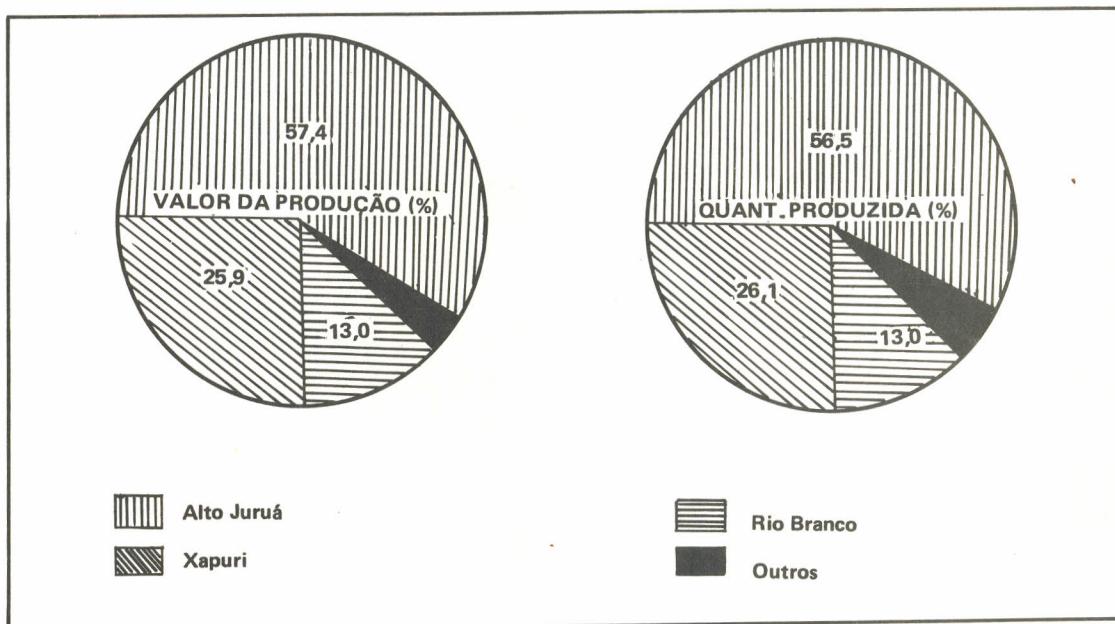


FIG. 4 — Participação percentual do café no valor e volume da produção agrícola no Acre, 1974. (Oliveira, 1979.)

Ao se analisar o ano de 1978, verifica-se uma mudança dessa situação, no que concerne à área cultivada e quantidade produzida, com Cruzeiro do Sul estacionando o cultivo de novas áreas. Tal fato pode ser atribuído à inexistência de financiamento específico para a lavoura cafeeira, aliada a dificuldades na obtenção, pelos agricultores, dos insumos básicos destinados à cultura. (Oliveira 1979.)

No aspecto global, a partir de 1976, observa-se um acréscimo na produção e área explorada. Já a produtividade de café em coco, que em 1968 era de 322 kg/ha ou 8,0 sacas de 40 kg, cresceu para 1.024 kg/ha ou 25,6 sacas de 40 kg em 1977. (Tabela 4.)

TABELA 4 – Área, produção, valor e rendimento da cultura do café no Acre, 1968 – 79.

Anos	Área colhida (ha)	Produção (t)	Valor (Cr\$ – 1.000)	Rendimento médio (kg/ha)
1968	323	104	31	322
1969	184	80	71	437
1970	281	92	61	329
1971	254	86	79	339
1972	315	100	218	319
1973	—	—	—	—
1974	68	57	171	838
1975	63	53	212	841
1976	124	104	832	839
1977	164	168	2.784	1.024
1978	265	159	3.400	600
1979	405	329	—	812

Fonte: APC – Coordenadoria de Informações.

3.2 Localização

O café é cultivado em praticamente todos os Municípios acreanos. (Fig. 5.)

Os Municípios maiores produtores são: Cruzeiro do Sul, Senador Guiomard e Tarauacá, que detêm cerca de 71% da produção total do Estado. (Tabela 5.)

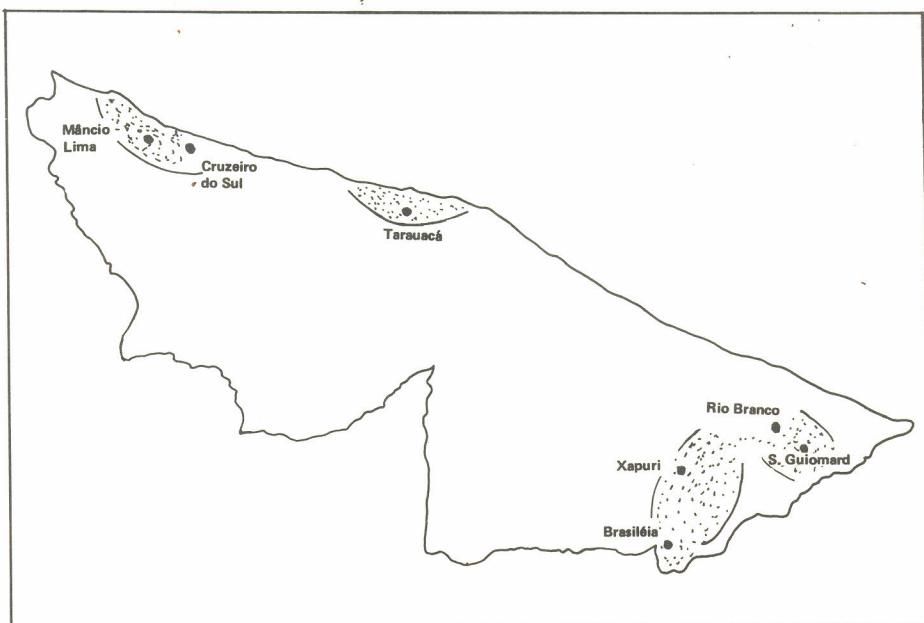


FIG. 5 – Áreas de maior concentração cafeeira no Acre, 1980.

TABELA 5 – Principais Municípios produtores de café no Acre, 1978.

Municípios	Café em coco (t)		Área colhida (ha)	
	Produção			
	Quantidade	Valor Cr\$ 1.000		
Cruzeiro do Sul	42	840	75	
Senador Guiomard	38	608	62	
Tarauacá	33	990	65	
Total	113	2.438	202	

Fonte: XVIII Anuário Estatístico do Acre – 1978.

3.3 Importação

Em 1978, o café representou 5,43% do valor total das importações das mercadorias incluídas no grupo “Gêneros Alimentícios”, verificando-se, em relação ao ano anterior, um crescimento de 42,1% no valor total das importações com o produto. (Tabela 6.)

TABELA 6 – Importação de café no Acre, 1977 – 78.

Especificação	Valor (Cr\$ – 1.000)	
	1977	1978
Café em grão	1.837	2.959
Café moído/pó	5.508	7.251
Café solúvel	309	666
Valor Total	7.654	10.876

Nota: Exclusive as informações atinentes ao Município do Alto Juruá, que deveriam alterar o total em cerca de 35% para mais.

Fonte: Anuário Estatístico do Acre – 1977/78.

3.4 Consumo

No Acre, como nos demais Estados, o consumo de café sofreu um decréscimo no período de 1969 a 1973, verificando-se, a partir de 1974, um crescimento relativo. (Tabela 7.)

TABELA 7 – Consumo de café no Acre (sacas de 60 kg), 1969 – 1976.

Anos							
1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976
Por ano civil							
24.000	18.000	15.900	...	631	1.736	5.801	4.756
Por ano safra (*)							
69/70 21.000	70/71 18.000	71/72 3.900	72/73 ...	73/74 963	74/75 3.943	75/76 5.096	76/77 8.474

(*) Período compreendido entre 19 de julho a 30 de junho.

... O dado não existe ou é desconhecido.

Fonte: Divisão de Estatística do IBC, citada no Anuário Estatístico do Café, nº 11 – dezembro de 1977.

4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

4.1 – Serão de suma importância medidas que incentivem a cafeicultura acreana, constituindo-se em uma das opções para ocupação racional dos solos, gerar divisas para o Estado, melhorar o nível de vida do agricultor, fornecer trabalho e fixar um grande contingente da população em atividade de grande rentabilidade econômica, além de se alcançar uma produção que venha a cobrir as necessidades internas do Estado.

4.2 – A ausência de recursos creditícios tem-se constituído numa limitação para a maior expansão da cultura.

4.3 – De modo geral, planta-se café indiscriminadamente por quase todo o Estado. Isso não tem sido positivo para um melhor desenvolvimento da cultura. A planta tem exigências mínimas para produzir e, quando não as encontra, não produz satisfatoriamente, trazendo baixo retorno financeiro ao produtor. Assim, fazem-se necessários trabalhos de mapeamento dos solos acreanos, para se localizar os mais aptos ao cafeeiro.

4.4 – Apesar de a cultura do café representar uma baixa participação no valor da produção agrícola acreana, o estímulo à expansão cafécola faz-se necessário no Acre, sobretudo como uma fórmula de manutenção dos recursos estaduais em circulação no próprio Estado, dando origem a novos investimentos que contribuam para seu desenvolvimento econômico.

4.5 – O aproveitamento das entrelinhas para a exploração de culturas intercalares deve ser orientado até o terceiro ano de idade do cafezal, enquanto não se dispõe de recomendações de pesquisa sobre o assunto nas condições locais, dando-se preferência às culturas de porte baixo e ciclo curto, visando a controlar a grande incidência de plantas daninhas e, principalmente, a servir como meio de subsistência em pequenas propriedades.

4.6 – Além dos aspectos de natureza agronômica, a expansão da cafeicultura acreana deve ser observada quanto aos aspectos sócio-econômicos, levando-se em consideração o interesse regional e nacional.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ACRE. Rio Branco, 17: 1384, 1978.
2. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CAFÉ. Rio de Janeiro, 11: 175, 1977.
3. BOLETIM AGROMETEOROLÓGICO. Rio Branco, 1 (1): 1-26, 1980.
4. BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SC. 19 Rio Branco; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1976. p. 442. (Levantamento de Recursos Naturais, 12).
5. CAMARGO, A.P. de. *Relatório de viagem ao Estado do Acre, para estudar possibilidades de cafeicultura*. Campinas, 1971. 7 p.
6. CHEBABI, A. *Possibilidades do cultivo econômico do café no Acre*. Rio de Janeiro, 1971. 5 p.
7. HAMADA, A.; FRITCHE, C.R.; OLIVEIRA, E.G. de; MESQUITA, J.E. de L.; AMARAL, J.G. do & FRANCISCO, N. *Considerações e proposições sobre a cultura do café no Acre*. Rio Branco, EMATER-Acre, 1978. 22 p.
8. INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, Rio de Janeiro, RJ. *Cultura do café no Brasil*; manual de recomendações. Rio de Janeiro, IBC/GERCA, 1974. p. 21-34.
9. MESQUITA, G.G. *Diagnóstico sócio-econômico do Estado do Acre*. Rio Branco, s. ed., 1978. v. 2, p. 15-6.
10. MORAES, F.R.P. de. Meio ambiente e práticas culturais. In: KRUG, C.A.; MALLAVOLTA, E.; MORAES, F.R.P.; DIAS, R.A.; MONACO, L.C.; FRANCO, C.M.; BERGAMIN, J.; HEINRICH, W.O.; ABRAHÃO, J.; RIGITANO, A.; SOUZA, O.F. de. & FAVA, J.F.M. *Cultura e adubação do cafeeiro*. 2. ed. São Paulo Instituto Brasileiro de Potassa, 1965. p. 81-130.

11. OLIVEIRA, V.H. de. Café no Acre; perspectivas. *O Jornal*, Rio Branco, 7 (107): 12, set. 1979; 7 (108): 7, out. 1979; 7 (109): 18, out. 1979.
12. _____. *Relatório de viagem aos municípios de Xapuri e Brasileia*. EMBRAPA-UEPAE Rio Branco, 1980, 3 p.
13. ORTOLANI, A.A.; PINTO, SILVEIRA, H.; PEREIRA, A.R. & ALFONSI, R. R. *Parâmetros climáticos e a cafeicultura*. São Paulo, Instituto Brasileiro do Café, 1970. p. 3-5.

